



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

FESTA DE IEMANJÁ: IMAGENS DA MÃE ÁFRICA REFLETIDAS NA CIDADE DO SALVADOR

FLÁVIO CARDOSO DOS SANTOS JUNIOR

Resumo: O estudo é fruto de uma década de observação no campo empírico das festas populares de rua da cidade de Salvador, capital baiana, no caso, a festa de 2 de fevereiro realizada em homenagem ao Orixá Iemanjá que acontece no bairro do Rio Vermelho da cidade em questão. A pesquisa que ora se apresenta objetiva-se a fazer uma análise descritiva do evento, emergir as diversas singularidades relacionadas ao festejo que traz características herdadas do continente africano em virtude da chegada de seu povo no processo de diáspora ao passo que revela também a influência da indústria do entretenimento e turismo étnico no esvaziamento e folclorização dos elementos da pertença Afro-brasileira. Trata-se de uma observação participante que lança mão de imagens fotografadas e vozes colhidas em entrevistas na itinerância da pesquisa. Lugares distantes e ao mesmo tempo próximos, similares e diferentes, porém, ligados pela ancestralidade e costumes revelados nas imagens e oralidade na homenagem à Iemanjá.

Palavras-chaves: Festa de Iemanjá, África e Salvador.

Mergulhando no mar da festa...

Trata-se de pesquisa que vem sendo realizada desde o ano de 2008 onde buscamos entender as principais Festas de Largo¹ da capital soteropolitana na qual resultou, entre outros, na publicação do livro organizado pelo Prof. Dr. Luis Vitor Castro Junior intitulado “*Festa e Corpo: As expressões artísticas e culturais do corpo nas festas populares baianas*” – trabalho financiado pela Rede CEDES, do Ministério dos Esportes e teve como proposta central descobrir e compreender os saberes que os corpos expressam utilizando-se de signos, tipos de linguagem e expressão próprias da cultura popular nas festas de populares baianas.

Outra produção, relevante, fruto dessa observação foi a escrita do livro lançado em 2018: “*Odoia, minha mãe!*”: *Desenhando as danças de Iemanjá*, resultado da dissertação de mestrado em Desenho Cultural e Interatividade da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e que revela a emergência de aprofundamento

¹ Também conhecida como festa de rua, trata-se de acontecimento recorrente nos bairros da cidade e que tem como objetivo comemorar devoção a uma entidade religiosa local (SERRA, 2009).



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

por conta não só de sua complexidade, mas também da importância dos elementos da linguagem e do pertencimento do legado africano no Brasil².

Nesse sentido, entendemos que na maioria das vezes, os aspectos da cultura afro-brasileira são negligenciados e tratados com enorme carga de preconceito pela sociedade em seus diversos segmentos, embora as festas populares transcendam os aspectos da fruição e entretenimento, pois são espaços fruto de resistência e que acomodam vários outros elementos relevantes para a cultura e religiões de raízes africanas e locais.

Dessa maneira, iremos discutir aqui a **Festa de Iemanjá** que acontece todos os anos no dia 2 de fevereiro no bairro do Rio Vermelho da cidade de Salvador, capital baiana, desde o ano de 1924 (PORTO FILHO, 2009; LOPES, 1984 e; COUTO, 2010) e trataremos de traçar uma análise descritiva do evento emergindo as diversas singularidades relacionadas ao festejo que é tomado de características herdadas do continente africano em virtude da chegada de seu povo no processo de diáspora³ ao passo que revela também a influencia da indústria do entretenimento e turismo étnico⁴ no esvaziamento e folclorização dos elementos da pertença afro-brasileira.

Trata-se de observação participante (OP) de cunho qualitativo e pautada no dialogo entre as sabedorias populares, as pertenças étnicas e o conhecimento acadêmico e que lança mão de imagens fotografadas e vozes colhidas em entrevistas na itinerancia

² Vale a pena lembrar que o legado ancestral africano é entendido por Santana (2004) como o “[...] conjunto de saberes de uma matriz não ocidental que transcende o espaço dos Terreiros, pois se encontra como sobrevivências africanas nestas cidades...” (p.28). Ou seja, são os elementos tidos como sagrados, que herdamos de nossos ancestrais que vieram da África escravizados, estes estão presentes em diversos campos como religião, música, dança e culinária, por exemplo.

³ Ao aportar no Brasil o povo escravizado traz com ele uma bagagem cultural e religiosa carregada de simbolismo. Não cabe, aqui, ficarmos discutindo todo o processo histórico, o que nos vale é entender como essa gente fez para se auto-afirmar e sobreviver culturalmente num território desconhecido e dentro de um processo de hostilidade e aculturação.

⁴ Também conhecido como “Turismo de Raízes”, começa a operar a partir de 2007 no estado a fim de captar espectadores e interessados nos elementos étnicos da religião e cultura afro-brasileira, vilipendiando-os e contribuindo para a sua banalização.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

da pesquisa e, da mesma maneira, faz uso de uma abordagem de “aproximação etnográfica”⁵.

Para James Clifford (2002) a observação participante faz com que seus pesquisadores experimentem “[...] tanto em termos físicos quanto intelectuais, as vicissitudes da tradução. Ela requer um árduo aprendizado linguístico, algum grau de envolvimento direto e conversação, e frequentemente um “desarranjo” das expectativas pessoais e culturais.” (p.21).

Assim, a pesquisa buscou construir no ambiente de investigação, uma aproximação tácita com as “potências” vivas da investigação fazendo as devidas relações entre o observado e o sentido no campo da investigação, os quais o leitor poderá constatar ao decorrer do artigo através da escrita e das imagens.

O mito de lemanjá

Em primeira mão se faz necessário lembrar a dificuldade de se montar o “quebra-cabeça” que é a história afro-brasileira, principalmente a parte que “toca” na escravidão. Ramos (1940) vai pensar que no Brasil “a destruição dos documentos históricos, determinada pelo Ministério da Fazenda, em circular n. 29 de 13 de Maio de 1891” (p.21) inutilizou a maioria das fontes escritas que então existiam. O que se tem, hoje, são raros documentos, registros de notícias dos jornais e periódicos e o relato de viajantes que passaram pelo Brasil na época.

Verger (2002) nos diz que o nome lemanjá “deriva de Yéyé omo ejá (‘Mãe cujos filhos são peixes’)...”(p.190). Este, segundo ele, é “o orixá dos Egbá, uma nação iorubá estabelecida outrora na região entre Ifé e Ibadan, onde existe ainda o rio Yemonja. lemanjá, de acordo com Verger (2002) “[...] seria a filha de *Olóòkum*, deus (em Benim) ou deusa (em Ifé) do mar. Numa história de Ifá, ela aparece casada pela primeira vez

⁵ De aproximação, pelo fato da festa só acontecer uma vez ao ano, apesar da imersão no campo durante o período da pesquisa...



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

com Orunmilá, senhor das adivinhações, depois com Olofin, rei de Ifé, com o qual teve dez filhos, cujos nomes enigmáticos parecem corresponder a outros tantos orixás.” (p.190).

A vinda de Iemanjá para o Brasil, se deu nos porões dos navios negreiros no processo da diáspora. Seijan (1973) vai dizer que a “mãe das águas” veio para as terras brasileiras junto com as primeiras pessoas escravizadas, “para ajudar sua gente no cativeiro.” (Pag. 15), junto com ela veio os seus filhos, sua história, suas comidas, suas cores e suas danças e assim Iemanjá:

[...] continua viva, tal qual chegou, com a mesma graça da mãe poderosa, nos candomblés da Bahia. Nos outros candomblés, nos batuques e demais seitas derivadas das religiões africanas o temperamento modificou-se, hábitos, cores, história e até roupas foram se misturando, se adaptando e diferenciando da Iemanjá do povo nagô. É curioso e contraditório o registro erudito colhido no Brasil, evidenciando a variedade de conceitos surpreendida em ambientes diversos. (Pag. 15).

Há uma enorme diversidade em torno não só de Iemanjá, mas de toda a religião e cultura afro-brasileira, por conta do processo de fusão inter culturas que se deu no processo da diáspora e na própria colonização em si. Em relação a isso Bastide, 2005 vai afirmar que:

Não há dúvida de que a manifestação que se processou na Bahia não fez mais que continuar um movimento já iniciado na África, no território dos povos iorubas... [...] A história dos homens introduz-se na metafísica e, com ela, toda a contingência das lutas políticas, das batalhas dos clãs, ou das ambições dos sacerdotes... [...] Com efeito, não esqueçamos que os orixás simbolizam, ao mesmo tempo, as forças da natureza ou os compartimentos da realidade, e também os antepassados dos clãs ou das linhagens-clãs... (p.248).

Santos (2006) vai reforçar o fato de Iemanjá ser [...] uma das divindades nagôs integrantes do panteão cultuado nos terreiros de candomblé no Brasil. Na África, Iemanjá é a divindade das águas doces e salgadas”, já aqui no Brasil “[...]os negros redefiniram seu domínio natural, reconhecendo-a apenas como a divindade das águas salgadas, daí o seu epíteto de rainha do mar, de grande protetora dos marinheiros, pescadores e estivadores. (p. 22).

Nesse aspecto, Vallado (2011) rememora que a figura marinha de Iemanjá tem uma dupla importância:



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

De um lado ela é a mãe que propicia a pesca abundante – que controla o movimento das águas, ondas e marés – da qual depende a vida do pescador. De outro ela é a sereia sedutora, sexy, que atrai o pescador, o ama e o mata ou o deixa morrer nas profundezas do mar... (p.36 e 37) (...) Estar miticamente ligado à lemanjá, significa vivenciar histórias, fatos e situações relatadas nos mitos da divindade. (p.71).

Uma importante demanda, aqui, se faz no sentido de quebrar o paradigma que insiste na falácia de que mito é invenção ou mentira. O mito, segundo Aranha e Martins (2002) é um dos modos “de conhecer o mundo...” (p.55) e que perante as sociedades tribais este se constituiu numa “forma de o ser humano se situar no mundo, isto é, de encontrar o seu lugar entre os demais seres da natureza.” (p.63).

No mesmo sentido, Morim (1999), entende que o mito “[...] é inseparável da linguagem e, como Logos, Mitos significa, na origem, palavra, discurso...” (p.174) e que o mesmo “[...] pode guardar uma verdade escondida, ou mesmo vários níveis de verdade, os mais profundos sendo os mais ocultos... [...]”, por isso “[...] exerce uma função comunitária; e, mais ainda podemos perguntar se uma comunidade humana seria possível sem cimento mitológico...” (p.175) que é o mito.

Imagens 1 e 2: Desenhos de lemanjá



Fonte: Santos Junior (2018)

Destarte disso, Bastide (2005) vai afirmar que a mitologia é formada “estratos superpostos que têm uma idade, uma cronologia. Mesmo se é por toda parte conservadora, a religião não é coisa morta, evolui com o meio social, com a



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

transformação de lugares ou de dinastias, forma novos rituais para responder as novas necessidades da população...” (p.250) e dessa maneira, “[...] na medida em que reage sobre a mitologia ortodoxa para modificá-la, a luta dos indivíduos ou dos grupos sociais da Bahia vai ajudar-nos cremos a compreender melhor o que deve ter ocorrido na África...” (p.248).

Segue Bastide (1995) dizendo que a história é cíclica e nesse sentido o presente repete o passado e “até os acontecimentos da vida humana, à primeira vista imprevisíveis, desenrolam-se em quadro fixados pelos orixás e traduzíveis em odus. Até mesmo a psicologia o caráter dos indivíduos, reproduz aqui na terra a diversa psicologia das divindades...” (p.261).

Nesse aspecto, os Orixás africanos adquirem ao mesmo tempo transmitem características de seus filhos brasileiros e da nova terra num incessante intercâmbio religioso e cultural. Para entender melhor essa troca se faz necessário investigar os constructos históricos e o cotidiano dos chamados povos de santo, como surgiram e como se desenrolam.

BARROS (2006) vai desenvolver acerca do mito de lemanjá e também a sua origem. Segundo ela lemanjá representa a criatividade da mulher, pois ela originou os demais Orixás e também aos homens aqui na terra, sendo assim é a maternidade. Seu “[...] mito e origem estão de tal forma ligados e associados, sendo que um quase que fundamenta o outro, que se torna tarefa difícil dissociar a origem de seu culto aos mitos a eles vinculados. (p.30 e 31).

Porém, segundo a autora, ao vir para o Brasil lemanjá passou por um processo de moralização e aculturação e por conta disso ela acaba perdendo suas características originais como a de “mulher sexualmente ativa e guerreira” para dar lugar a uma mãe dócil. “A imagem de sereia a remete à sua condição de mulher sexuada, feminina. A moça branca de longos cabelos pretos e vestido azul a remete à sua condição de Mãe, materna e pura. Mas ambas são lemanjás. (p.107).



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Com essa “moralização” lemanjá, e os demais Orixás, sofrem transformações, adaptações ou resignificações, diríamos nós, pois ela é dos [...] mitos africanos que ressaltavam traços de sua personalidade relativos a uma ativa e vibrante sexualidade, bem como a histórias de amor e seduções dessa deusa chocaram-se com a imagem da Virgem católica. Desse modo, não mais a lemanjá ‘brasileira’, não tão sedutora e perigosa, assemelhada – mas não identificada – à virgem. Ao assimilar os mitos relativos às iaras, tornou-se a poderosa Senhora do mares e oceanos, lemanjá puxou para si também toda a simbologia arquetípica representada pelas águas do grande oceano mítico. (BARROS, 2006, p.108).

Podemos assim pensar que a história pode estar escrita formalmente, mas também está marcada nas recordações e, sobretudo nos corpos dos descendentes daqueles que aqui chegaram nos porões dos navios no processo da diáspora atlântica. É por meio da tradição oral, através das diversas histórias, músicas, casos, lendas, mitos e provérbios populares que temos anúncios de como e onde surgiu a Mãe das Águas, como seu culto cruzou os mares e o tempo e aqui no Brasil se afirmou de maneira tão latente.

Para isso vamos pensar que lemanjá surgiu e se nutre, antes de tudo, no imaginário popular. Uma evidência desse imenso cabedal de informações se dá nos diversos termos nos quais é conhecida a donas das águas e do oceano: Dona Janaina, Dona lemanjá, Inaê, Dona Maria, Princesa de Aiocá, Sereia, Sereia do Mar, Sereia Macunã ou Iacunã, Rainha do Mar, Minha Madrinha, Rainha das águas, Minha Mãezinha, Dona do Mar, Senhora do Mar, Princesa do Mar, Princesa de Aiucá, ou Arucá, Princesa de Inaê, Inaê, Caiala, Janaína, Deusa Janaína, Princesa Janaína, Maribô, Olôxum, Mamãe Guiomar, Iara, Rainha do mar, Mãe d’água, Princesa do Oceano, Dona da águas... (SEIJAN 1967 e 1973 e MARTINS, 2008).

Vallado (2011) dimensiona lemanjá em diferentes variações e traça um pouco de suas características com base nestas qualidades que “[...] são diferenciações elaboradas a partir de seus atributos, explicitando as varias faceta dessa mesma divindade.”. (p.41).



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Em seu estudo ele identifica oito qualidades de Iemanjá: “[...] Sabá (Iasabá), Sessu (Iyasesú), Ogunté (Ogunté), Aoiô (Awoyó), Acurá (Akurá), Atamarabá (Atamaragbá), Maleolo (Malelewo) e Conlá (Konlá).” (p.42).

Não distante disso, o imaginário que sustenta Iemanjá, aqui no Brasil, é tripartido. Carrega consigo os traços de três culturas: ameríndia, europeia e africana ilustradas, respectivamente, pelas figuras das Sereias, as diversas Nossa Senhoras do catolicismo e o Orixá do Candomblé e demais religiões afro-brasileiras, as quais encontramos na festa de 2 de fevereiro em Salvador.

A festa do Rio Vermelho

O tradicional bairro do Rio Vermelho nasce quarenta anos antes da capital baiana. Porto Filho (2008) anuncia que o local “[...] foi descoberto de forma acidental em 1509, por Diogo Álvares Corrêa, tripulante de uma embarcação (francesa, portuguesa ou espanhola) que naufragou junto ao Morro do Conselho...”. (p.13), local próximo ao Largo da Mariquita e que a ocupação pelos moradores aconteceu de forma gradativa e lenta “até a invasão holandesa de 1624, não passava de uma rude povoação habitada basicamente por pescadores, com núcleos nos portos da Mariquita e de Santana.”. (p.14).

Lopes (1984) revela, também que esses pescadores e demais trabalhadores das classes menos abastadas economicamente “contavam que as festas do Rio Vermelho começaram com uma romaria, um domingo antes da festa do entrudo, hoje carnaval.”. (pag. 47).

Um dos contos mais interessantes, que explica o início da festa do Rio Vermelho, é trazido por Lopes (1984) através da memória popular, por via da oralidade, e narra que os pescadores praticavam, no antigo porto do Rio Vermelho, um jogo de carteados chamado “dourada”, que não era apostando dinheiro, porém causava grande animação e euforia entre os participantes:



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

[...] Ali eles chamavam “a trincheira”. Todos os domingos juntavam-se ali para jogar dourada. Um domingo antes da festa do entrudo eles estavam como de costume jogando dourada com muita animação, quando chegou uma senhora e avisou a eles que cada um pegasse sua jangada e se fizesse ao mar , pois o governo estava recrutando homens para mandar para a Guerra de Canudos e que vinha uma patrulha de cavalaria para levar eles, pois aquele jogo já tinha sido denunciado. (p.47).

Os pescadores levaram à sério o conselho e cada um pegou sua embarcação e lançaram-se ao mar e ao alcançar uma certa distância para surpresa de todos chegou uma guarnição da cavalaria do exército repleta de soldados que alistavam, forçosamente para a guerra, os praticantes da chamada “vadiagem⁶” e aqueles homens foram salvos pelo aviso daquela desconhecida mulher, que depois teve sua identidade associada à Senhora Santana, a então padroeira deles e dessa maneira resolveram fazer daí em diante anualmente uma romaria de jangadas um domingo antes da festa do entrudo (carnaval) em tributo a Senhora Santana pelo milagre alcançado através dela. (LOPES, 1984, p. 47).

Nesse sentido, a partir das romarias marítimas surgem as comemorações em torno da praia: a festa, que acabou trazendo uma nova dinâmica afetiva e filosófica aos moradores nativos e posteriormente ao restante da cidade. Ferreira (2005) enseja que ao festejar algo “o grupo ou a comunidade interrompe o tempo ordinário para entrar, coletivamente, na dimensão de um tempo carregado de implicação cultural e de conotação psíquica própria, diferente daquele tempo ordinário ou cotidiano.” (p.27).

Os entretempos do transe na areia da praia - Imagens 3 e 4



Fonte: Santos Junior (2008 e 2018)

⁶ Capoeira, candomblé, roda de samba...



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

A festa então acaba emergindo elementos, como o culto aos Orixás do Candomblé e da Umbanda, como podemos visualizar nas imagens acima, que inicialmente eram enxergados de forma discriminatória e de cunho racista pela pseudo “elite intelectual” e que posteriormente foi visto como motivo de fetiche pela indústria cultural (SANTOS, 2005).

Serra (2009) corrobora a existência desse racismo dissimulado que traz a tona uma “auto rejeição de homens pobres, humilhados por preconceitos incidentes sobre sua condição de cor, de classe, de origem, que os torna vulneráveis a uma pregação enfática baseada no convite a abandonar sua identidade sentida como deteriorada...” (p.26).

No entanto, é a superação dessa condição, baseada na resistência cultural, que potencializa a extensão dos espaços conquistados através do que Sodré (1988) vai chamar de “Corpo território”, que é aquele que o sujeito entende o universo e suas realidades:

[...] a partir de si mesmo, de um campo que lhe é próprio e que se resume, em última instância, a seu corpo. O corpo é lugar zero do campo perceptivo, é um limite a partir do qual se define um outro, seja coisa ou pessoa. O corpo serve-nos de bússola, meio de orientação com referencia aos outros. Quanto mais livre sente-se um corpo, maior o alcance desse poder de orientar-se por si mesmo, por seus próprios padrões... (p.123).

Dessa forma, entende-se a emergência de contextualizar o corpo e o espaço como algo intimamente unido que acaba revelando o enredo do tecido urbano e social, pois é preciso entender que o território físico onde acontece a festa transcende os aspectos geográficos. Não é só uma praia aonde as pessoas apresentam oferendas a seu santo de predileção, nem tampouco uma mera festa de largo, como se denomina na tradição baiana (TAVARES, 1951; LOPES, 1984; SERRA, 2009), onde se samba, bebe, namora e ao mesmo tempo ritualiza e cultiva a fé...



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL



Fonte: Santos Junior (2014) e Lopes (1984)

Outro horário especial se dá no final da tarde na saída do presente, conforme demonstramos nas imagens 3 e 4, aonde as pessoas vão agradecer e oferecer seus presentes para a mãe das águas que é entregue num grande e coletivo ofertório transportado pelos pescadores. Trata-se de um espaço histórico, ancestral, cultural e de lazer. Em nossa itinerância ao longo dos anos de observação da festa e do bairro, seja como pesquisador ou como morador da cidade, percebemos que tanto o bairro como a festa possui momentos distintos, como se fossem “estações” demarcadas pelo tempo e pelo espaço, ou seja, no dia da festa, por exemplo, ao nascer do sol (alvorada) se apresenta uma dinâmica na qual se encontra pessoas fazendo suas “obrigações”⁷.

Ao decorrer do dia vão surgindo novos personagens sociais com diversos objetivos, cores, energias, aromas, polifonias, polirritmias e tantos outros, bem como na areia da praia acontece uma dinâmica diferente da do asfalto. No asfalto ouve-se um determinado tipo de música (pagode, samba, música eletrônica...) e na areia o que predomina são os sons dos atabaques. São as facetas de um mesmo festejo em seus diferentes momentos e espaços.

Nesse intervalo entre a Alvorada e o por do sol se observa, também, a invasão de câmeras de TV e fotógrafos. Fica parecendo que ali é mais uma coisa pronta prá ser

⁷ Devoções e preceitos religiosos



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

admirada pelos turistas e ser motivo de espetáculo, lógico que com algumas exceções.

Castro Junior (2014) destaca que a heterogeneidade cultural presente na festa do dia 2 de fevereiro aponta para diversos aspectos de:

construções de espaços e encontros numa mesma festa, a citar, por exemplo, os corpos que se movimentam na areia e no asfalto do largo do Rio Vermelho, nos quais é possível identificar aproximações e distanciamentos entre as diferentes expressões de vida que ali se manifestam...". (p.122).

Nesse sentido, o bairro se modifica em função do tempo da festa. Suas ruas ganham uma energia inexplicável, as cores e os aromas se modificam e o espaço deixa de ser meramente urbano e cede lugar para a festa que é permeada pela fé e devoção, mas também pelo samba (imagens 7 e 8). A isso, Santos (2000), chama de “esquizofrenia do local”, pois a obediência e a revolta se fazem presente. Dessa maneira, a cultura popular:

[...] nasce a cada momento, porque há uma produção de pobreza permanente. A cada vez que a pobreza fica maior, são mais numerosos os objetos e os desejos, para usar uma linguagem psicanalítica... [...] o lugar geográfico é também o local filosófico da descoberta, por que nele se batem forças contraditórias. Há de um lado, os que buscam o lucro a todo custo e se apropriam dos pontos mais vantajosos e há todos os demais, mais ou menos afetados por uma situação que desejam modificar para melhor (p. 63 e 64).

No caso da festa de Iemanjá, percebemos, de maneira latente, as interferências externas do mundo do capital, seja pela cervejaria que patrocina e impõe a cor de sua marca e descaracteriza a paisagem visual azul e branca tradicional ou pela demarcação de espaços privilegiados, aquilo que Bhabha (2001) vai chamar de “entre lugares”.

A força da indústria cultural, turismo étnico e hoteleira acaba gerando modismos e promove “feijoadas vips” e outras festas dentro da festa, atendendo à lógica do consumo e espetacularização que fere o sentido original do dia 2 de fevereiro.

Dessa maneira, o “dia do presente” como é conhecido entre os religiosos, se apresenta como um espaço de produção cultural, pela presença dos batuques, rodas



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

de samba, capoeira, xiré⁸ e outras práticas religiosas e populares, ao mesmo passo que é local de luta heterogênea e contraditória, pois entre a tradição e a tradução cultural o que presenciamos é uma segregação etnico-racial dos corpos que insistem em participar do festejo.

Percebemos isso em relação a resistência dos que dançam e se ritualizam na areia do mar, onde emergem os processos formativos através do rito, pois a tradição ali se perpetua e ao mesmo tempo se resignifica.

Os entretempos do samba no asfalto da festa - Imagens 7 e 8



Fonte: Santos Junior (2010) e Domínio Público - Internet (sem data)

Martins (2008) vai afirmar que é a lembrança que grava os ritos “[...] que não estão escritos em livros, mas na memória e no corpo dos religiosos que se exercitam através das práticas de seus rituais...” (p. 125).

Em contrapartida, existem outros corpos dançantes e carregados de significados, seja no jogo da capoeira, seja rebolando ao som da mala do carro. Esse corpo traz os traços de seus ancestrais que aqui chegaram no processo de diáspora, Castro Junior (2010) traz novamente, a proposição do “corpo território”, pois segundo ele é relevante a questão do “espaço-tempo” de nossas íntimas lembranças ancestrais e afetivas e nossas: sensíveis são acumuladas ao decorrer da vida e por essa razão se faz necessário compreender esse corpo-território “[...] dentro de possibilidades infinitas,

⁸ Círculo formado no ritual do Candomblé.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

que podem, ao mesmo tempo, ser reveladoras de situações imagináveis, mas que podem, também, esconder [...] outros conhecimentos.”. (p.22).

É dessa experiência que emergem os fazeres formativos advindos da cultura popular que (re)significam os espaços territoriais urbanos e corporais. Para Hall (2003) é nesse momento “[...] onde a luta a favor ou contra a cultura dos poderosos é engajada... É a arena do consentimento e da resistência...”. (p.263) e que carece de que se reescreva o que Da Silva (2009) vai chamar de [...] uma história que faz a ‘periferia’ romper o silêncio e que democratiza o construir historiográfico, pois os humildes passam a ter direito a ele. Uma história problematizada, onde ficam evidenciadas as descontinuidades do processo histórico e eliminam-se as noções de superioridade de cultura e civilização. (p.22).

Nesse sentido, a emergência de se entender como o espaço urbano vai se resignificando a partir não só da especulação imobiliária, mas dos elementos históricos e culturais que aqui citamos e que provem do arcabouço étnico que formou o Brasil, que no caso é o que estamos tratando de forma mais latente nessa proposta de estudo. Sodré (1988a) entende que no Brasil existem traços simbólicos do patrimônio cultural e imaterial afro e que esse se afirmou aqui como um:

[...] território político-mítico-religioso, para a sua transmissão e preservação. Perdida a antiga dimensão do poder guerreiro, ficou para os membros de uma civilização desprovida de território físico a possibilidade de se ‘reterritorializar’ na diáspora através de um patrimônio simbólico consubstanciado no saber vinculado ao culto dos muitos deuses, à institucionalização das festas, das dramatizações dançadas e das formas musicais. (p.50 e 51).

Atualmente, por conta do processo de reurbanização e desenvolvimento da cidade, o Rio Vermelho já não é mais vila de pescadores, os que resistiram hoje residem no entorno do bairro e os participantes da festa de Iemanjá vêm de outros locais, em sua grande maioria (PORTO FILHO, 2008).

As representações religiosas se organizam na areia da praia de forma natural, conforme vão chegando e dessa maneira o “mosaico” da festa se constitui, chamamos dessa maneira, pois se for observar a festa de longe, como nas imagens presentes



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

na capa desse projeto, por exemplo, imagina-se um acontecimento sólido e único, mas se aproximar o olhar ver-se-á as “distorções” como num mosaico mesmo, que distante aparenta uma figura perfeita, mas de perto se destoam cores, tons e formas.

O urbanismo, enquanto campo de conhecimento pode contribuir de maneira crítica e reflexiva na leitura desse mosaico que citamos acima, pois o mesmo encontra-se do *espaço urbanístico* da cidade. O momento dos diversos ritos e cultos, como a exemplo: a entrega do presente à Iemanjá acaba fazendo do espaço público uma extensão dos Terreiros de Candomblé por fazerem parte do patrimônio cultural afro brasileiro carecem, além do respeito, de uma leitura apropriada a fim de desmitificar a carga preconceituosa sofrida, como já citamos anteriormente.

Acerca desse aspecto Velame (2009) comenta que os elementos da pertença afro brasileira aqui no estado da “Bahia são mutilados e deturpados pelo ‘olhar paisagístico’ da sociedade mais ampla, que representam com o seu olhar etnocêntrico os Orixás, os deuses africanos nagôs da Bahia, nos espaços públicos com temáticas afro-brasileiras”. (p.02).

Segundo o autor, o patrimônio cultural afro brasileiro sofreu, por intermédio do “olhar paisagístico” um processo de “reprodução técnica” no qual:

[...] efetuou-se um desencantamento e uma dessacralização do cosmo afro-brasileiro via “estetização” da natureza, processo esse que opera através do enquadramento, emolduração e da fixação da janela pictural. Esse processo de dessacralização e estetização do patrimônio afro-brasileiro que se apresenta de forma ampla em Salvador, visa a espetacularização e mercantilização desse patrimônio, tendo como matéria-prima os Orixás. (Velame, 2009, p.03).

Nesse sentido, percebemos no campo da festa diversos momentos de “folclorização”, tanto nos rituais como na paisagem da festa, realmente o forte apelo da indústria cultural e turismo étnico acaba “contaminando” os rituais que ao saírem de suas casas acabam recebendo uma carga banal e equivocada. Segue Velame (2009) corroborando que o “processo tríade de ‘dessacralização-estetização-espetacularização’ do patrimônio afro-brasileiro que se apresenta de forma galopante



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

em Salvador, viabiliza, cria as condições e potencializa a mercantilização dessa riqueza imaterial.” (p.15).

Considerações (Sem)Finais...

Nesse texto estabelecemos relação entre: ***festa, ritual afro-brasileiro, a cidade de Salvador e o continente africano*** a partir da experiência, de uma década, no fértil campo das festas populares soteropolitanas, observando e analisando a cultura material e imaterial local e também as expressões dos corpos inseridos em tais espaços e dessa maneira trouxemos à tona as nuances que o festejo, do dia 2 de fevereiro, proporciona ao espaço urbano através das diversas práticas corporais as quais pudemos presenciar em todos esses anos, como a exemplo: os jogos, as danças, a entrega dos presentes⁹ e a capoeira, sejam estes praticados através da religião, ou simplesmente da fruição, do “sagrado” ou do “profano”.

Todo esse arcabouço cultural tem gênese no território africano, devido o seu povo ter contribuído, mesmo que forçadamente, para o povoamento e construção do Brasil. Entendemos que esse assunto carece de mais pesquisa e registro, pois se constitui na memória da cidade e desencadeiam mudanças de ordem urbana, social e antropológica, porém acreditamos que trazemos nesse estudo pelo menos o início para um debate onde se valoriza as práticas corporais em suas diversas nuances, o vasto patrimônio material e imaterial emergentes através/pela cultura e a visualidade estética do espaço urbano.

Em contrapartida, reconhecemos que os elementos da cultura popular na cena urbana são historicamente apagados, encortinados, escondidos e moldados pelas indústrias do turismo étnico e entretenimento que insistem em mascarar os fatos por conta de atenderem interesses mercadológicos, porém, percebemos na festa a existência de saberes marcados na oralidade, experimentação, intuição, edificados nas diversas

⁹ Oferenda religiosa destinada ao Orixá, no caso, geralmente: perfumes, flores, sabonetes e bijuterias...



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

experiências, guardadas na memória e histórias que resistem através das décadas e fazem contraponto ao poder hegemônico.

Nesse sentido, os atores sociais, precisam de subsídios para poder participar de forma mais ativa dos debates que fomentam a criação de políticas públicas, de modo articulado, inter crítico, dialógico, possibilitando a leitura e reconhecimento dos espaços físicos conquistados pelos corpos silenciados e açotados ao longo da história, sejam em território africano ou brasileiro.

Assim, através das gravuras e da narrativa descritiva da Festa de 2 de Fevereiro visualizamos que África e Brasil são lugares distantes e ao mesmo tempo próximos, similares e diferentes, porém, ligados pela ancestralidade e costumes revelados nas imagens e oralidade na homenagem à iemanjá.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lucia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de filosofia**. 2.ed. São Paulo: Moderna, 2002.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BARROS, Cristiane Amaral. **Iemanjá e Pomba-Gira: imagens do feminino na umbanda**. 2006. 313 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia: rito nagô**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CASTRO JUNIOR, Luis Vitor. **Campos de visibilidade da Capoeira Baiana: As festas populares, as escolas de capoeira, o cinema e a arte (1955-1985)**. Brasília-DF: Ministério do Esporte, 2010. (1º Premio Brasil de Esporte e Lazer de Inclusão Social).

CASTRO JUNIOR, Luís Victor Castro (Org.). **Festa e corpo: as expressões artísticas e culturais nas festas populares baianas** Salvador: Edufba, 2014.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: Antropologia e literatura no Século XX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

COUTO, Edilece Souza. **Tempos de festas**: Homenagem a Santa Bárbara, Nossa Senhora da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860-1940). Salvador: Edufba, 2010.

DA SILVA, Ana Célia. **Proposta de pesquisa para o doutorado**. In: **O terreiro, a quadra e a roda**: formas alternativas de educação da criança em Salvador. Salvador: EDUFBA, 2009.

FERREIRA, Maria Nazareth. **As Festas Populares na expansão do Turismo**: A Experiência Italiana, 2ª Edição, revista e ampliada. São Paula Arte&Ciência, 2005.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

SERRA, Ordep. **Rumores da Festa**: O sagrado e o profano na Bahia. 2ª Ed. Salvador: Edufba. 2009.

LOPES, Licídio. **O Rio vermelho e suas tradições**; memórias de Licídeo Lopes. Salvador: Fundação Cultural do Estado a Bahia, 1984.

MARTINS, Suzana. **A Dança de Yemanjá Ogunté sob a perspectiva estética do corpo**. Salvador: EGBA, 2008.

MORIN, Edgar. **O método 3**: o conhecimento do conhecimento. 2. ed. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1999.

PORTO FILHO, Ubaldo Marques. **Dois de fevereiro no Rio Vermelho**. Salvador: Acirv, 2008.

RAMOS, Arthur. **O negro brasileiro**: ethnographia religiosa, 2. Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

SANTOS, Eufrázia Cristina Menezes. **Performances Culturais nas Festas de Largo da Bahia**. Paper apresentado, 30º Encontro Anual da Anpocs, Caxambu, out de 2006. <http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a40-esantos.pdf> .

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização (do pensamento único à consciência universal)**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS. Jocélio Teles dos. **O poder da cultura e a cultura no poder**: a disputa simbólica da herança cultural negra no Brasil. Salvador : Edufba, 2005.

SEIJAN, ZORA A. O. **Iemanjá e suas lendas**. Rio de Janeiro: Record Editora, 1967.

SELJAN, Zora A. O. **Iemanjá mãe dos Orixás**. São Paulo: Afro-Brasileira, 1973.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

SANTANA, Marise de. **O legado ancestral africano na diáspora e o trabalho docente**: desafricanizando para cristianizar. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: 2004 (Tese de doutorado).

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro-brasileira. Petrópolis: Vozes, 1988a.

TAVARES, Odorico. **Bahia, imagens da terra e do povo**. Salvador: José Olímpio, 1951.

SKIDMORE, Elliot Tomas. **Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. 2ª ed. Trad. R. S. Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989 (Col. Estudos Brasileiros, vol. 9).

VA VELAME, Fabio Macedo. **Orixás nos espaços públicos de SalvAdor**: Um processo de dessaclalização-estétização-espetacularização do patrimônio afro-brasileiro. V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2009, Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Ba.

VALLADO, Armando. **Iemanjá**, a grande mãe africana do Brasil. Rio de Janeiro, Pallas, 2011.

VERGER, Pierre. **Orixás**. 6 ed. Salvador: Corrupio, 2002.